

# Boletim Adventista

Director e Editor: Ernesto Ferreira  
Proprietária: Casa Publicadora Angolana  
Redacção e Administração: Missão Adventista  
C. P. 3 - Nova Lisboa

Composição e Impressão: Missão do Bongo  
Lépi

NÚMERO AVULSO . . . . . 2\$00  
ASSINATURA ANUAL . . . . . 20\$00

Ano IV — Número 45

Setembro de 1966

## A Qualidade no Trabalho da Igreja

*A Igreja Adventista nunca se distinguirá pela quantidade. Sob esse aspecto, jamais poderá competir com as religiões e igrejas populares. E, na verdade, não são os números que contam aos olhos de Deus, mas sim a qualidade.*

*A Igreja Adventista deve ser uma igreja de escol — nos seus obreiros, nos seus membros, nas suas instituições e actividades.*

*De acordo com as normas bíblicas, seus obreiros distinguir-se-ão pela pureza de vida, pela piedade, pela dedicação ao estudo, por indefectível obediência aos princípios, por diligente actividade. Quer na administração, quer na pregação ou noutra ramo de trabalho, a fidelidade e o amor pelas almas serão as notas dominantes.*

*Os membros não serão apenas crentes nominais, mas terão passado por uma verdadeira conversão; em público e em particular viverão de acordo com a sua fé; frequentarão a igreja; farão activo trabalho missionário. No dizer do apóstolo Paulo, constituirão, em relação a Cristo, «um povo Seu especial, zeloso de boas obras». (Tito 2:14.)*

*É a qualidade que deve distinguir todas as actividades da igreja.*

*Comecemos pela Escola Sabatina. Há planos perfeitos quanto à sua organização e funcionamento; quanto à divisão das classes; quanto aos departamentos de juvenis, primários, jardim de infância e rol do berço; quanto a escolas sabatinas anexas; em suma, quanto à sua eficiência como instrumento de evangelização. Mas todos esses planos estão sendo executados?*

*Que diremos das Sociedades de Jovens? Estão elas funcionando como agrupamentos activos, com as suas reuniões regulares, com as suas actividades características, como instrumentos de trabalho por e a favor dos jovens, ou existem apenas como números a figurar nos relatórios?*

*E as nossas escolas? As escolas adventistas deviam distinguir-se pela preparação e dedicação dos seus professores, pela perfeição dos seus métodos, pela eficiência do seu ensino, pelo seu ambiente cristão.*

*O mesmo poderíamos dizer da obra médica, do departamento das publicações, das emissões religiosas, dos Cursos Bíblicos por correspondência.*

*Quão poderoso argumento em favor da verdade será a preocupação de manter um elevado ideal em tudo quanto se relacione com o trabalho da Igreja!*

*Não terá chegado o tempo de abominarmos com ódio completo toda a fraude e desleixo na Obra do Senhor?*

Ernesto Ferreira

# PRINCÍPIOS BÍBLICOS ACERCA DAS RELAÇÕES RACIAIS

por Ellen G. White

O Senhor Jesus veio ao nosso mundo para salvar homens e mulheres de todas as nacionalidades. Ele morreu tanto pelas pessoas de cor como pelas de raça branca. Jesus veio derramar luz sobre todo o mundo. No começo do Seu ministério Ele declarou a Sua missão: «O Espírito do Senhor é sobre Mim, pois que Me ungiu para evangelizar os pobres, enviou-Me a curar os quebrantados do coração, a dar vista aos cegos; a pôr em liberdade os oprimidos; a anunciar o ano aceitável do Senhor.»...

Aqueles cuja experiência religiosa abre os seus corações a Jesus não acariciarão orgulho, mas sentir-se-ão sob a obrigação para com Deus de ser missionários como foi Jesus. Procurarão salvar o que está perdido. Não se apartarão, com farisaico orgulho e altivez, de nenhuma classe da humanidade, mas sentirão como o apóstolo Paulo: «Sou devedor tanto a gregos como a bárbaros, tanto a sábios como a ignorantes.»...

Tem-se tornado moda olhar de alto para os pobres, e para os de raça preta em particular. Mas Jesus, o Mestre, foi pobre, e tem compaixão dos pobres, dos desprezados, dos oprimidos, e declara que cada insulto que lhes é feito é como se fosse feito a Ele próprio. Surpreende-me cada vez mais ver os que professam ser filhos de Deus possuírem tão pouco da simpatia e ternura e amor que se encontravam em Cristo. ...

«Quem», diz Paulo, «te diferencia?» O Deus do homem branco é o Deus do homem preto, e o Senhor declara que o Seu amor pelo menor dos Seus filhos excede o de uma mãe pelo seu amado filho. Olhai para aquela mãe: o fi-

lho doente, o afligido, o que nasceu paralítico ou com qualquer outra enfermidade física — como a mãe trabalha para lhe dar todas as vantagens! A melhor comida, a almofada mais macia, e o mais terno cuidado são para ele. O amor sobre ele derramado é forte e profundo — amor como não é manifestado para com a beleza, talento ou qualquer outro dom natural. Logo que uma mãe vê motivo para outros olharem o seu filho com aversão ou desprezo, não aumenta ela a sua ternura como que para o escudar do rude contacto do mundo? «Pode uma mulher esquecer-se tanto do seu filho que cria?... Mas ainda que esta se esquecesse, Eu, todavia, me não esquecerei de ti.» Oh, que imparcial amor o Senhor Jesus tem por aqueles que O amam!

Os olhos do Senhor estão sobre todas as Suas criaturas; Ele ama-as a todas, e não estabelece diferença entre brancos e pretos, a não ser a especial e terna compaixão que tem por aqueles que são chamados a suportar um fardo maior do que os outros. ...

Quando o pecador se converte recebe o Espírito Santo, que o torna um filho de Deus, e o habilita para a sociedade dos remidos e da hoste angélica. Ele é feito co-herdeiro com Cristo. Todos os que da humana família se entregam a Cristo, todos os que ouvem a verdade e lhe obedecem, tornam-se filhos de uma família. Ignorantes e sábios, ricos e pobres, gentios e escravos, brancos e pretos, — Jesus pagou o preço pelas suas almas. Se crerem n'Ele, o Seu sangue purificador é-lhes aplicado. O nome do homem preto é escrito no livro da vida ao lado do do homem bran-

co. Todos são um em Cristo. Nascimento, posição, nacionalidade ou cor não podem elevar nem degradar os homens. É o carácter que faz o homem. Se um pele vermelha, um chinês ou um africano dá o seu coração a Deus, em obediência e fé, Jesus ama-o sem atender à sua cor. Chama-o Seu bem amado irmão.

Está chegando o dia em que os reis e senhores da terra se sentiriam felizes por trocar os lugares com o mais humilde africano que se firmou na esperança do Evangelho. A todos os vencedores pelo sangue do Cordeiro, é dirigido o convite: «Vinde, benditos de Meu Pai, possuí por herança o reino que vos está preparado desde a fundação do mundo.»...

Pela salvação do homem de cor foi pago o mesmo preço que pela salvação do branco, e o desprezo lançado às pessoas de cor por muitos que pretendem ser remidos pelo sangue do Cordeiro, e que portanto se confessam devedores a Cristo, representa mal a Jesus, e revela que o egoísmo, a tradição e o preconceito poluem a sua alma. Não estão santificados pela verdade. Os que desprezam um irmão por causa da sua cor estão desprezando Jesus. ...

Mas a alma que de facto está transformada não desprezará ninguém a quem Cristo comprou com o Seu próprio sangue.

Os homens podem ter preconceitos hereditários e cultivados, mas quando o amor de Jesus enche o coração, e se tornam um com Cristo, terão o mesmo espírito que Ele teve. Se um irmão de cor se senta ao seu lado, não se consideram ofendidos nem o desprezam. Estão jornadeando para o mesmo céu, e sentar-se-ão à mesma mesa para comer o pão no reino de Deus. Se Jesus habita em nossos corações não podemos desprezar o homem de cor que tem o mesmo Salvador habitando em seu coração. Quando estes preconceitos

não-cristãos forem derrubados, será dedicado mais fervoroso esforço a fazer trabalho missionário em favor da raça preta. ...

Como igreja temos pecado por não fazermos esforços maiores pela salvação das almas entre as pessoas de cor. ...

Não tendes licença de Deus para excluir as pessoas de cor dos vossos lugares de culto. Tratai-as como propriedade de Cristo, que são, da mesma maneira que vós mesmos. ...

Ao mesmo tempo não devemos levar as coisas a extremos e cair em fanatismo neste assunto. Alguns pensam que seria bom derrubar toda a parede divisória e casar com pessoas de cor, mas este não é o procedimento correcto a ensinar ou a praticar. ...

Deus tem filhos entre as pessoas de cor por toda a nossa terra. Necessitam de ser iluminados. Há alguns pouco prometedores, é verdade, e também encontrareis degradação semelhante entre os brancos; mas mesmo entre as classes mais baixas há almas que abraçarão a verdade. Alguns não permanecerão firmes. Sentimentos e hábitos formados ao longo da vida serão difíceis de corrigir; não será fácil implantar ideias de pureza e santidade, refinamento e elevação. Mas Deus considera a capacidade de todos os homens, observa o ambiente, e vê como estes formaram o carácter, e compadece-se destas almas.

Não é tempo de vivermos tão plenamente à luz da face de Deus que nós, que d'Ele recebemos tantos favores e bênçãos, saibamos como tratar os menos favorecidos, não trabalhando sob o ponto de vista do mundo, mas sob o ponto de vista da Bíblia? Não é precisamente nesta direcção que mais necessário se torna o esforço cristão? Não é aqui que a nossa influência deve fazer sentir-se contra os costumes e práticas do mundo? Não deve ser a obra dos brancos elevar

*Continua na página 16*

# O Espírito dos Pioneiros

por Ernest Lloyd

Qual era o espírito dos pioneiros? Era o espírito que possuía nosso Senhor mesmo em Sua juventude. Ele foi o maior Pioneiro. Com um coração cheio de amor, deixou a casa de Seu Pai no Céu e trouxe o Seu maravilhoso Evangelho de salvação ao nosso doente e moribundo planeta. Fazendo assim, abriu como pioneiro o caminho para a vida eterna.

Pensemos por uns momentos nas primeiras palavras registadas de nosso Senhor, em Lucas 2:49, para uma simples definição do espírito de pioneiro. Quão reveladoras! «Não sabeis que Me convém tratar dos negócios de Meu Pai?» Não se trata aqui do dever do «Eu tenho obrigação de fazer» ou do dever do mercenário, mas do dever do grande amor ardente que Ele teve pela nossa pobre família humana. Noutra altura Ele disse: «Convém que Eu faça as obras d'Aquêle que Me enviou.» (João 9:4). Os pioneiros tinham este espírito de dever — um espírito impellido pelo amor. Eles, como o apóstolo Paulo, diziam: «Ai de mim, se não anunciar o Evangelho!»

O espírito de dever, porém, não está relacionado com o modo optativo, o modo que deseja, e deseja sempre fazer algo e espera fazê-lo um dia. Nem tampouco está relacionado com o modo conjuntivo, o modo que pode agir se todas as condições forem favoráveis e o caminho se abrir com facilidade. Oh, não! Os pioneiros eram dominados pelo modo imperativo, o modo que reconhece o privilégio e obrigação de dar ao mundo a salvadora mensagem de Deus. Diziam: «A coisa tem de ser feita, e nós *devemos* ajudar a fazê-la.» Era imperativo, obrigatório e urgente.

Recentemente, falei com um estudante que me disse algo das suas experiências que o levaram à decisão de entrar para um curso ministerial. E então ele observou: «Como vê, pastor, eu *devo* entrar no ministério. Não posso consentir em ocupar-me de outra coisa.» Ele ti-

nha o recto espírito, e creu que os seus talentos serão de genuíno serviço na causa. Os pioneiros possuíam certas características que os assinalavam definitivamente como servos de Deus. Mencionarei apenas três.

1. *Simplicidade.* Esta foi sempre manifestada na sua vida doméstica, no seu vestuário, nas suas atitudes e na sua linguagem. Entre 1896 e 1901 tive o privilégio de ser um dos jovens obreiros em Battle Creek, Michigan, onde estava concentrada a nossa obra denominacional. Conheci os lares dos pastores Uriah Smith, Nicola, Amadon, Whitney e outros. Eles eram exemplos de simplicidade. Entre 1904 e 1915 conheci os lares de Ellen G. White e dos Pastores S. N. Haskell e J. N. Loughborough, na Califórnia. A simplicidade caracterizava cada um e todos eles. Os pioneiros não tinham qualquer preocupação de ajuntar bens materiais. Podéis estar certos de que não eram materialistas frequentadores de igrejas, como são hoje tantos membros de igreja. Suas mentes e corações estavam nas coisas do reino. Teriam ficado envergonhados de viver nas casas dispendiosamente mobiladas ocupadas hoje por muita da nossa gente. O seu cântico era: «Uma tenda ou uma pequena casa, oh que me importa! Estão ali construindo para mim um palácio!» Sim, os pioneiros *praticavam* o que cantavam e pregavam. A bênção de Deus repousava sobre eles, e as suas vidas eram poderosos testemunhos em favor da verdade.

2. *Sacrifício.* Os pioneiros criam que não podia haver progresso espiritual sem renúncia própria. Agiam de acordo com as palavras de Jesus registadas em Mateus 16:24, e realmente negavam a si mesmos coisas que consideraríamos bastante essenciais para o nosso bem-estar físico. Dispendiam o melhor que tinham para salvar homens e mulheres. «Esvaziavam-se», a fim de melhoraju-

*Continua na pág. 11*

# Página

---

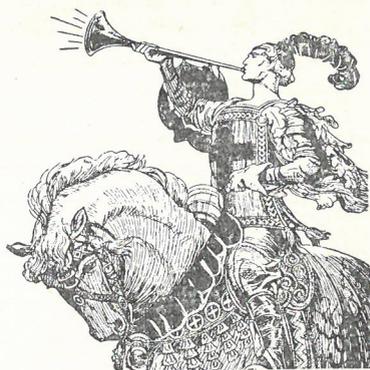
---

# da

---

---

# Juventude



## Grupo de Auxílio Cristão

Entre as actividades das Sociedades de Jovens aparece o grupo de auxílio cristão que tem um papel muito importante a desempenhar e que é um dos meios mais eficazes de ganhar almas para Cristo. É, ao mesmo tempo, um centro de actividades em prol da comunidade que rapazes e meninas gostam de desenvolver.

Há alguns anos, numa missão onde estivemos, havia uma velhota sem família, cuja casa estava quase a cair. Então foi combinado com um grupo de jovens para dar um «auxílio àquela senhora.» Enquanto alguns cortavam paus do mato, outros buscavam cordas e em pouco tempo a sua casa estava refeita.

Noutra ocasião uma mãe com algumas crianças pequenas adoeceu. As crianças não tinham ainda idade para ajudar. Assim, um grupo de meninas da sociedade de jovens resolveu prestar auxílio. Eis o que fizeram: «umas foram buscar água, outras lenha, algumas lavaram as roupas das crianças e outras ainda fizeram a comida.»

Jesus disse que o verdadeiro cristianismo é ajudar as viúvas e orfãos e disse que aquilo que desejamos os outros nos façam, devemos nós fazer primeiro.

Na Review and Herald de 22/8/964 conta-se que certo dia alguns alunos passeavam com o seu mestre, na nossa missão de Malamulo. Então surgiu uma velha senhora, encostada a um pau e

trazendo às costas um pesado cesto com maçarocas de milho.

O professor chamou, então, a atenção dos alunos para aquele quadro, mas como sabiam ler e escrever julgavam-se diminuídos se tomassem nas suas costas aquele cesto. Ninguém disse nada por um minuto, quando um jovem saiu correndo do grupo e, dirigindo-se à senhora, disse:

— Mãe, posso tomar o seu cesto e ajudá-la?

Então ele tirou o cesto da cabeça da pobre velha e colocou-o nos seus ombros.

Os seus mestres e outros colegas continuaram o passeio e dentro em breve estava de volta. Contou então que no caminho falara aquela velha senhora, que fizera o mesmo que Jesus faz por nós, leva as nossas cargas, os nossos pecados.

Há inúmeras actividades que podem ser levadas a cabo por este grupo. Eis algumas:

a) buscar lenha ou água para um doente;

b) cozinhar ou tratar as crianças duma mãe que se encontra doente;

c) fazer uma lavra para uma velha, velho ou cegos;

d) ajudar nos serviços da comunidade: arranjar uma ponte, consertar uma estrada etc.

Também os jovens que vivem na cidade de podem prestar bons serviços:

- a) cuidar das crianças cujas mães estão doentes;
- b) levar à escola uma criança cuja mãe o não pode fazer por doença, etc.;
- c) visitar num hospital crianças, levando-lhes flores, frutos, revistas etc.;
- d) ajudando em socorros a desastres ou calamidades: inundações, desastres ciclones, etc., procurando por todos os meios minorar o sofrimento dos outros. Muitos meios se descobrem nas igrejas para proporcionar à nossa juventude um interesse pelos outros, seguindo assim o mesmo caminho e desenvolvendo as mesmas actividades que Cristo exemplificou.

J. A. Morgado

## VII Acampamento da Juventude Adventista em Angola

Querida Amiga:

Como não tiveste oportunidade de participar no Acampamento dos Jovens, vou contar-te como decorreu e quão maravilhoso foi para cada um de nós.

Realizou-se de 8 a 18 de Agosto, perto da Cascata da Huíla, a 20 km. de Sá da Bandeira, sob a acolhedora e aprazível sombra de gigantescos eucaliptos.

Ao anoitecer do dia 8, quebrando o misterioso silêncio daquelas recônditas paragens, ouviu-se o apito de um autocarro em meio aos cânticos e esfuziante alegria dos jovens das Igrejas do Bongo, Caala, Luanda e Nova Lisboa, que para lá se dirigiam a fim de participar no Acampamento. Éramos aguardados pelo director do Acampamento Pastor J. Alegria Morgado e Esposa, pelo Pastor Américo Rodrigues e Esposa, da Igreja de Sá da Bandeira, e ainda pelos jovens de Benguela, Lobito e Sá da Bandeira que já ali se encontravam. Feitas as habituais saudações e enquanto nos iam cumprimentando os rapazes subiam rapidamente ao autocarro e «choviam» malas e sacos por todos os lados. Uma interessante sur-

presa nos aguardava também: este ano havia luz eléctrica e, mais ainda, as tendas já estavam armadas, o que não é habitual.

Corremos para o recinto do Acampamento tanto quanto nos permitiam as nossas pernas fatigadas de tão longa viagem e o peso das malas. Após um delicioso jantar, fizeram-se os preparativos para descansar. Um novo dia alvoreceu! O apito tocou! Os jovens, de forças restauradas, foram saindo das tendas procurando o mais rapidamente possível fazer as suas toilettes, pois dentro de meia hora havia a Devoção Matinal.

Mas, minha amiga, não posso contar-te como tudo decorreu cada dia. No entanto, se me permites, resumir-te-ei em breves palavras o que fizemos durante os 10 dias ali passados, embora por vezes o programa variasse. Depois do toque de alvorada e Devoção Matinal, havia o içar das Bandeiras após o que, formando duas filas, os jovens corriam até à estrada onde se fazia um pouco de ginástica. Brincávamos uns momentos e o apito tocava para o «mata-bicho». Findo este, arrumavam-se as tendas, enquanto a chefe de cozinha, D. Milca Morgado, explicava às suas ajudantes o que tinham de fazer. Devo dizer-te que tivemos uma excelente cozinheira que nos deliciou cada dia com os seus saborosos pratos. Bem, mas como ia dizendo, depois de armadas as tendas, havia inspecção às mesmas e chegava a hora do banho.

Ah! não podes calcular como era maravilhoso o local onde tomávamos banho. Rodeada de belas árvores e arbustos de diversos tons de verde que se confundiam formando um todo encantador, aliados às várias cores escuras das pedras que colocadas como que por mão de Artista formavam um tanque onde a cristalina água caía, eis a Cascata! Eu não sei descrever-te completamente a beleza daquele local, mas estou certa de que já tens uma pávida idéia de como ele é. Assim, prosseguirei na minha narrativa.

Depois do banho, almoçávamos. Seguía-se a hora de descanso. De todos os lados, rapazes e meninas carregando cobertores, se reuniam no local des-

tinado para esse fim. Durante este tempo, enquanto os jornalistas de «A Colmeia» se entretinham a preparar as notícias, faziam-se as mais variadas coisas, excepto barulho. Acabado o tempo destinado ao descanso, havia uma breve reunião onde eram estudados vários e interessantes assuntos, seguida da hora de Trabalhos Manuais e jogos. Nesta ocasião, já se começava a sentir um forte apetite e tocava o apito chamando para o jantar. Depois, junto à fogueira, havia agradáveis e interessantes programas. Umhas noites o programa era espiritual, outras, recreativo. Esqueci-me de te dizer que antes do jantar eram arriadas as Bandeiras.

No Sábado de manhã, num ambiente inteiramente espiritual, realizámos a Escola Sabatina juntamente com os nossos Irmãos da Igreja de Sá da Bandeira que nos honraram com a sua presença. Finda a Escola Sabatina, celebrou-se o culto. Usou da palavra o Pastor Morgado. A mensagem que nos trouxe tocou profundamente os nossos corações e ao ser feito o apelo muitos jovens se levantaram mostrando com este gesto o desejo de pertencer ao valoroso exército do Príncipe da Paz, Jesus! Prouvera a Deus que estes jovens possam permanecer firmes em face à decisão tomada.

Durante o fim de semana tivemos a presença amiga de vários jovens e Irmãos. Na sexta-feira, chegou o grupo «Os Penduras», jovens de Nova Lisboa, dirigido pelo Pastor J. Miranda, da Igreja de Luanda. No domingo, chegou o grupo «Os da Hora H», dirigido pelo Irmão Artur de Oliveira, da Igreja de Nova Lisboa. Um parêntesis, para dizer apenas que «Os da Hora H» apresentaram um alegre e interessante programa recreativo. Na terça-feira, chegou até nós, o Pastor Ernesto Ferreira, Presidente da União Angolana e um bom amigo da Juventude.

No domingo à tarde foi disputada a final do Concurso Bíblico sobre o Novo Testamento. Classificou-se em 1.º lugar, como vencedor da Província de Angola, o jovem Silvestre de Sousa Sebastião, da Igreja de Nova Lisboa.

Não sei se já estás cansada de tanto ler, mas ainda não acabei.

Na segunda-feira, dia 15, fizemos uma excursão à Tundavala. É um soberbo lugar! Sentimo-nos insignificantes ante a magnificência de Deus, ante as Suas obras que nos deslumbram.

No dia seguinte à tarde, foram examinados vários jovens da classe de Amigos. De igual modo três jovens fizeram exame da especialidade M. V. — Liderança Juvenil.

Como todas as coisas boas têm um fim, também chegou o último dia do Acampamento. O dia 18 despertou alegre e risonho. O Sol, espreitando pela ramagem dos eucaliptos, inundava de luz e calor aquele lugar onde tínhamos passado dez dias tão maravilhosos. Feitos os preparativos para a partida, reunimo-nos todos junto à fogueira e aí, de mãos dadas formando um enorme círculo, nossas vozes se ergueram em louvor a Deus, através de cânticos e orações, manifestando-Lhe nosso reconhecimento pelo Seu amor, Seu constante cuidado e protecção e suplicando-Lhe que nos ajudasse a manter firmes enchendo nossos corações de uma Fé viva e forte, para «naquele dia» termos o privilégio de fazer parte da grande reunião dos M. V. que se realizará na Pátria Celestial.

Estou certa de que este Acampamento foi, para cada jovem, motivo para uma maior camaradagem e amizade entre todos e acima de tudo um meio de compreender melhor a vontade de Deus, além de que o contacto que tivemos com as Obras por Ele criadas nos fez discernir o Seu poder e o Seu grande Amor a nós manifestado!

Perdoa, minha amiga, o tempo que te tomei com esta longa carta, mas espero que ela possa dar-te ânimo e entusiasmo de tal modo, que sejas sempre um M. V. presente a cada Acampamento que se realize nesta Província.

Tua sempre amiga

Maria Costa Sales

---

## Visado pela Censura

# O Problema Escolar na Divisão Trans-Africana

As estatísticas revelam que a Igreja Adventista do Sétimo Dia tem agora 1.024 escolas para crianças e jovens africanos na Divisão Trans-Africana. Destas, 1.000 são escolas primárias (com aproximadamente 84.000 alunos), 14 são escolas secundárias, e as restantes 10 são escolas de preparação de evangelistas e professores.

É claramente evidente que as 14 escolas secundárias, com acomodação para cerca de 600 alunos no primeiro ano, são terrivelmente inadequadas para servir os 3.000 ou mais que completam a escola primária cada ano. Esta situação tem como resultado que milhares de rapazes e meninas adventistas do sétimo dia ficam cada ano sem lugar nessas escolas.

Recentemente o director da escola secundária de Solussi disse que tinha recebido 1.800 pedidos de admissão, e só pudera admitir 70 no primeiro ano do liceu. Outro director de escola secundária teve 400 pedidos de um distrito em certa União e só pôde receber 40.

É confrangedor para um director, tal como o Dr. F. Clarke da escola secundária de Rusangu, na Zâmbia, ter 300 jovens recomendados por autoridades governamentais de educação e dezenas adventistas de outros pedidos pessoais. No último grupo há jovens de terceira e quarta geração adventista. Um desses casos foi uma jovem cujo pai é evangelista adventista e cuja mãe é professora numa das nossas escolas primárias; ela teve de ser mandada embora por não haver mais espaço. O Dr. Clarke pode admitir 70 alunos no primeiro ano liceal e tem mais de quatro vezes esse número de inscrições cuidadosamente escolhidas. Se fossem removidas as restrições que limitam a admissão de alunos de outras províncias, ele teria cerca de 700 matrículas só de jovens adventistas. A tragédia é que nenhuma outra escola no país — paroquial ou secular — pode oferecer-lhes ulte-

rior educação, porque todas estão REPLETAS!

Esta situação repete-se em cada uma das 14 escolas secundárias da Divisão Trans-Africana. Enquanto este breve artigo está sendo escrito estão a chegar cartas de Solussi, falando de jovens de rosto entristecido que esperavam estudar na escola secundária mas tiveram de voltar para casa porque não havia espaço para eles na instituição.

Há 6 escolas de preparação de professores na Divisão, com cerca de 120 professores primários finalistas cada ano; este número é insuficiente para preencher as perdas numa força de 2.215 professores. E a mais avançada destas escolas está oferecendo apenas 2 anos de preparação profissional após dez anos de educação académica.

A Divisão Trans-Africana não tem nenhum centro de preparação de professores secundários, embora este aspecto da educação seja o mais salientado na África de hoje. Nossa constante perplexidade concentra-se em descobrir professores liceais, tão necessários para a preparação de milhares de jovens para o serviço neste mundo e para um lar no mundo futuro.

Em 1958 iniciou-se no Colégio de Solussi um Curso Teológico de 4 anos. Até à data, houve 10 finalistas. Infelizmente não tem sido possível expandir as facilidades deste Curso Superior além do mínimo requerido para a Teologia, de maneira a incluir assuntos académicos e profissionais essenciais ao ensino secundário.

Obreiros estrangeiros têm sido trazidos com grandes despesas, e alguns jovens prometedores podem ser enviados ao estrangeiro para completarem a sua educação, mas estas são apenas medidas transitórias. Para assumir uma porção maior deste fardo educacional,

*Continua na pág. 16*

# Histórias Africanas



## REJEITADO

O encarregado da agricultura da Missão de Rusangu olhou para o campo de enfezado milho e em seguida levantou os olhos para o brilhante e claro céu de Março. Embora ainda não fossem nove horas, os quentes raios do sol estavam já a crestar as sequiosas plantas.

«Se não chover em breve», murmurou ele para si mesmo, «vamos ter uma colheita muito fraca.»

Ele sabia que era um assunto muito sério. Daquele campo de milho devia sair a comida para os cem alunos da escola. A estação das chuvas tinha sido extraordinariamente seca, com menos de metade das chuvas do costume.

A medida que os dias passavam, as chuvas tornaram-se cada vez menos frequentes. Os alunos receberam ordem de ir para o campo para ali colherem o que pudessem, mas quando terminaram os celeiros ficaram apenas meios.

Com relutância, o encarregado da agricultura levou o problema ao director da Missão.

«Só há uma alternativa», disse o encarregado. «Ou ter todos os alunos na escola e dar-lhes aulas apenas durante três meses e encerrá-la o resto do ano, ou então mandar metade dos alunos para casa e continuar com as aulas durante o resto do ano lectivo.»

O director convocou os professores e apresentou-lhes o problema. Durante alguns minutos eles não encontravam palavras para dizer, tão perplexos se encontravam. Depois começou uma discussão que durou mais de uma hora. Ficou decidido mandar para casa me-

tade dos alunos e continuar com os outros durante o resto do ano lectivo.

Essa foi uma decisão difícil de tomar, mas ainda mais penoso era o que faltava. Tinham de percorrer a lista dos alunos e escolher os nomes daqueles que deviam deixar a escola. Foram colocadas nas mãos dos professores cópias da lista dos alunos. Começando pelo cimo da lista, examinaram cuidadosamente cada nome. O corpo docente achava-se por vezes em dificuldade para chegar a uma resolução.

«Ayab é um bom elemento no dormitório; ele ajuda-me a manter a ordem», observou o preceptor.

«Eu ensinei Marcos a trabalhar com a desnatadeira», disse o encarregado. «Fiquemos com ele.»

«Não, por favor não mandem embora Azwela», disse o professor da terceira classe, «ele é o melhor da sua classe.»

E assim sucessivamente. O tempo ia passando, e só raramente o director achava um rapaz que pudessem mandar embora.

Percorreram a lista quatro vezes.

«Jacob Hanatuba», leu o director da Missão ao chegar perto do fim da lista.

«Estou certo de que podemos passar sem ele», observou o encarregado da agricultura. «Jacob é um dos rapazes mais preguiçosos que jamais vi.»

«Teremos mais sossego no dormitório se ele se for embora», disse o preceptor.

«Como vai ele nas aulas?» perguntou o director da Missão.

«É um dos mais fracos na classe»,

respondeu Samuel Chilumba, um dos professores da escola.

«Então risquemos o seu nome», disse o director, e uma dúzia de lápis riscaram da lista o nome de Jacob Hanatuba.

Às dez e meia da manhã seguinte os rapazes reuniram-se na capela. O director da Missão dirigiu-se vagarosamente para o edifício. Ele receava a tarefa que estava diante de si, mas não tinha outra saída. Depois do hino e da oração, levantou-se e explicou brevemente a dificuldade que tinha sobrevinho à escola em virtude da fraca colheita de milho. Disse aos alunos que os professores tinham decidido mandar metade deles para casa para o resto do ano.

«Vou ler agora os nomes dos que têm de sair. Haverá duas listas. Os da primeira lista podem pedir para voltar a entrar na Missão para o ano que vem. Terão de trazer apenas metade das propinas do costume. Os alunos da segunda lista não devem fazer planos para voltar.»

O director começou a ler as listas. Em quase todos os rostos se lia o receio. Um rapaz ouvia o seu nome e deixava cair a cabeça, cobrindo o rosto com as mãos. Muitos deixaram a sala derramando lágrimas, nem sequer esperando para ouvir ler os outros nomes. Dirigiram-se vagarosamente para o dormitório, empacotaram seus reduzidos pertences, e em menos de uma hora estavam já a calcurriar os tortuosos caminhos que os levavam a suas casas nas aldeias próximas e distantes.

Perto do fim da segunda lista veio o nome de Jacob. Estava quase começando a esperar que talvez o seu nome não aparecesse, mas ali estava ele. Pior ainda, estava na lista dos que não podiam voltar.

«Não poderei voltar! Não poderei voltar!» As palavras queimavam ao descerem ao seu coração à medida que ele seguia o longo caminho que levava à sua distante aldeia. Mas foi com um sentimento de alívio que a maior parte dos professores o viram ir. Não o veriam de novo, estavam disso certos.

Passaram-se seis meses. A escola fechou para as férias grandes, e os ra-

pazes dispersaram-se para suas terras. Uma noite no recinto da Missão entrou um carro, e dele saiu um missionário de outra denominação. Perguntou se seria possível passar a noite na Missão, pois sempre preferia ficar com outros cristãos a ficar no hotel. Foi cordialmente recebido. Depois de jantar sentou-se no salão com a família missionária, pois ele já era missionário naquela região durante cerca de vinte e cinco anos.

Tendo-se feito uma pausa na conversa, ele observou casualmente: «Não sabia que tínheis uma igreja no distrito de Kezema.»

«Não», foi a resposta pronta; «não temos ali nenhuma igreja. Na realidade, não há ali nem sequer uma casa de oração.»

«Isso é o que eu pensava», disse aquele missionário. «Mas passei por uma daquelas aldeias há dias e encontrei ali um grupo de crentes vossos.»

«Isso não pode ser», respondeu o director da Missão com um sorriso.

«É não só possível, mas é uma realidade. Penso que conheço os adventistas do sétimo dia quando os vejo. Falei com eles durante alguns minutos e descobri que estavam guardando o Sábado. Além disso, cantam os mesmos hinos que os vossos rapazes aqui cantam.»

«É estranho, muito estranho», observou o missionário. «Não posso imaginar o que alguns dos nossos esteja fazendo nesse distrito.»

A conversa continuou durante mais algum tempo e o grupo dispersou-se para passarem a noite. Na manhã seguinte, o missionário em visita despediu-se.

Mas na Missão despertou-se a curiosidade. Pouco depois, o director do campo missionário foi visitar Rusangu. Ouviu então a notícia que tinha sido dada.

«Vamos ver com os nossos olhos», sugeriu ele. «Pode haver uma surpresa à nossa espera.»

Alguns dias depois, o missionário e o director do campo saíram da Missão de Rusangu num pequeno carro de bois e dirigiram-se para o distrito de Kezem-

ba. Naturalmente, muito antes de eles chegarem à aldeia de Kumazi, já a notícia da sua chegada tinha ido adiante deles, levada pelo primitivo mas eficiente telégrafo africano, «tambores falantes».

Aproximando-se da aldeia os dois missionários ficaram admirados ao ver um grupo de homens, mulheres e crianças que vinham ao seu encontro, e mais surpreendidos ainda ficaram quando os ouviram cantar: «Servos de Deus a buzina tocai: Jesus em breve virá» em língua chitonga. Os missionários trocaram entre si olhares surpreendidos. Não havia dúvida — aquele era um grupo adventista. Mas como era possível estarem ali a tantos quilómetros de distância da mais próxima aldeia adventista? Então pela primeira vez notaram quem estava a dirigir o canto. Era Jacob Hanatuba!

Os missionários desceram do carro e saudaram a Jacob e o povo. Foi em breve contado o que sucedera. Jacob tinha voltado para casa e ensinado ao seu povo tudo quanto sabia acerca da sua fé. Os missionários passaram uma vista de olhos pela aldeia. Estava limpa e em ordem. Não havia porcos chafurdando na imundície. Havia um limpo edifício coberto a capim onde os crentes se reuniam para adorar cada Sábado. A surpresa final foi quanto Jacob levou os missionários a um celeiro onde os aldeãos tinham estado a depositar o milho do seu dízimo. Os aldeãos pediram para lhes ser mandado um professor que lhes ensinasse mais.

Os ministros passaram dois dias na aldeia realizando várias reuniões antes de voltarem para Rusangu.

Jacob não tinha esquecido que estava na lista dos alunos que não deviam voltar a Rusangu, mas algo nos modos dos missionários ao examinarem o trabalho que ele tinha feito despertou um sentimento de esperança em seu coração. Com temor Jacob aproximou-se do director da Missão quando este subiu para o carro. Com olhos baixos, enquanto nervosamente dava as mãos perguntou: «Senhor director, posso voltar a frequentar a escola no próximo ano?»

Os olhos do missionário humedeceram-se quando ele se inclinou e tomou em sua própria mão a rude mão do rapaz africano. Apertou-a calorosamente e respondeu:

«Sim, Jacob, estou certo de que terás um lugar em Rusangu para o próximo ano.»

Virgil Robinson

## O Espírito dos Pioneiros

*Continuação da pág. 4*

darem a avançar a causa que amavam. E Deus os preservou. Quão notável que tantos deles tenham vivido até uma idade avançada! E esta é uma das provas de que Deus os honrava e mantinha.

3. *Firmeza de propósito.* Eles «perseveravam» (Actos 2:42) na luz que lhes tinha sido revelada. Em Lucas 9:51 vemos que nosso Senhor «manifestou o firme propósito de ir a Jerusalém». Esse era para Ele o caminho da prova e do sofrimento e da morte. Os pioneiros do nosso movimento também manifestaram o firme propósito de avançar no meio de provas e sofrimentos. Estavam prontos a dar as suas vidas — como alguns fizeram — pelo avanço da mensagem. Nada os podia deter, pois sabiam que eram os agentes de Deus para o cumprimento da profecia numa designada hora.

Senti-me sempre impressionado com o íntegro espírito dos pioneiros que conheci em meus anos juvenis. Os pioneiros eram como Caleb de outrora, que disse: «Eu perseverarei em seguir ao Senhor meu Deus» (Josué 14:8). Possuíam poucos bens deste mundo, mas olhavam com fé e certeza para a herança no país da glória. Em simples fé e confiança em Deus avançaram como valentes soldados da cruz.

Estamos hoje aqui para terminar a obra iniciada por nossos consagrados pioneiros. Que honra! Grandes dias estão diante de nós. Haverá dificuldades e provas para os que «perseverarem até ao fim». Mas o triunfo e a glória aguardam os fiéis que sejam movidos pelo espírito imperativo dos pioneiros para concluir a grande obra que nos foi confiada.

# Notícias do Campo

## Secretário dos Departamentos da Escola Sabatina e dos M. V.

Depois de ter exercido interinamente as funções de secretário dos Departamentos da Escola Sabatina e dos Missionários Voluntários da União Angolana, o Pastor Joaquim Alegria Morgado acaba de ser nomeado secretário efectivo desses mesmos departamentos.

## Maria Helena Teixeira

Em meados de Agosto começou a trabalhar na Casa Publicadora, em Nova Lisboa, a jovem Ir. Maria Helena Teixeira.

## Transferências de Obreiros

Realizaram-se as seguintes transferências de obreiros: em Agosto, António Maurício, para director do Instituto do Bongo; em Setembro, João Cordas Tavares, para professor do mesmo Instituto; Orlando de Albuquerque, para a Escola do Cuale; Leonor Trindade Silva, para a Escola da Namba.

## Luanda — Breves Notícias

O ano de 1965 registou o maior número de baptismos em Luanda: 33 almas foram acrescentadas à Igreja, pela graça de Deus.

Logo no primeiro mês deste ano, fizemos os nossos planos para a realização de uma Campanha de Evangelização «Está Escrito» (ou «A Bíblia na Mão») que, pela terceira vez se efectua na nossa Igreja, com entusiasmo sempre crescente. Iniciada em Fevereiro, só terminou na primeira semana de Junho. Creio que dificilmente se poderá neste mundo medir os resultados desta Campanha. Com efeito, não podendo a sala conter todas as pessoas interessadas, os nossos solícitos irmãos cederam de bom

grado os seus lugares e, através de alto falantes, ouviam a pregação na varanda, ou mesmo no jardim da Igreja, uns sentados, outros de pé. Em média, 80 pessoas ficaram, todos os domingos, de fora. Ainda hoje, depois de finda a Campanha, temos de recorrer a esse arranjo. Foram distribuídas 118 Bíblias. A Campanha terminou com uma impressionante cerimónia baptismal, através da qual 18 pessoas foram acrescentadas à Igreja. Em Março último, 4 pessoas haviam já recebido o baptismo, o que eleva a 22 o número das pessoas baptizadas este ano. Merece especial referência o facto de, nesta última cerimónia baptismal, se haverem baptizado quatro casais, o que não é muito vulgar entre nós.

Duas outras Campanhas se realizaram a par da evangelística: uma a favor da Escola Rádio-Postal; outra a favor de novos Obreiros Voluntários. Mais de 40 irmãos e interessados, sob a direcção da esposa do pastor da Igreja, completaram o curso da Escola Rádio-Postal, e receberam os seus diplomas, numa cerimónia a que presidiu o director desta Escola. Oito irmãos, na sua maioria do sexo feminino e jovens, concluíram o curso de Obreiros Voluntários, recebendo os seus diplomas e, alguns deles, o emblema dos «120» numa cerimónia dirigida pelo Pastor Hermanson, secretário do Departamento das Actividades dos Leigos da União.

Convém salientar a pronta e esplêndida colaboração que todos os Obreiros Voluntários têm dado ao esforço missionário da Igreja. Todos os Sábados, em grupos de dois, vão



Crianças que tomaram parte na Escola Cristã de Férias de Nova Lisboa



Escola Cristã de Férias de Nova Lisboa — Corpo Docente

distribuir a nossa literatura. Muitos milhares de folhetos e revistas antigas foram assim distribuídos pelas ruas e bairros da cidade. Foram recolhidas muitas dezenas de inscrições para o curso da Escola Rádio-Postal e, sempre que se oferecia a oportunidade, surgia um estudo bíblico ou era feita uma oração.

As Escolas Bíblicas de bairro ou Escolas Sabatinas Anexas estão-se a multiplicar, espalhando-se por todos os bairros novos da cidade. É animador constatar o entusiasmo que estas escolas estão a despertar por toda a parte.

No mês de Junho, demos início à Campanha das Missões. Este ano, por razões que ainda desconhecemos, recebemos menos de metade das revistas que costumamos receber. A Igreja e os jovens, unidos, fizeram um trabalho maravilhoso. Com o auxílio de revistas antigas, conseguiram os nossos irmãos fazer mais do que no ano transacto. Belas experiências foram registadas, e estamos todos gratos ao Senhor pelo êxito alcançado.

No dia 14 de Maio, realizou-se a cerimónia religiosa do enlace matrimonial dos jovens e irmãos Joaquim Ferreira e Maria da Graça. Um mês depois, outra cerimónia semelhante se efectuava para unir pelo matrimónio os Irmãos Manuel Esteves Bizarro e Judite Vasconcelos Gonzalez.

Quando estas despreziosas linhas forem lidas, é natural que já tenham sido iniciadas as obras de construção de um Centro Evangélico nesta cidade, que tão necessário se tem feito sentir. Praza a Deus que sim, pois será porventura uma merecida compensação a uma Igreja que, sem desfalecimento, tem lutado por dilatar o reino de Cristo.

Depois de cinco anos de trabalho nesta Igreja, tão activa e prometedora, louvamos ao Senhor por tudo quanto Ele Se dignou realizar através de vasos tão humildes. Aproveita-

mos o ensejo para, por meio do nosso Boletim, expressar a nossa gratidão a todos os nossos queridos irmãos a bons amigos de Luanda pela simpatia com que sempre nos distinguiram e, numa forma especial, pela colaboração amiga e dedicada que sempre nos foi dispensada. A todos, sem excepção, muito obrigado!

Resta-nos desejar ao novo Pastor as maiores alegrias e vitórias na condução da prestimosa e excepcional Igreja de Luanda.

Juvenal Gomes

## A Escola Cristã de Férias na Igreja de Nova Lisboa

1966

Na passada quinzena que decorreu entre os dias 22 de Agosto a 2 de Setembro, realizou-se, sob o patrocínio desta Igreja, a primeira Escola Cristã de Férias, na insigne cidade do Huambo.

Iniciando-se com umas sessenta crianças, este satisfatório número foi indo gradualmente aumentando até atingir a bela cifra de cento e quarenta e quatro crianças!

Graças a uma boa organização nas amplas e modernas dependências do Colégio Adventista do Huambo, foi possível, com a ajuda de Deus, manter este grande número de jovens entre os seis e doze anos de idade, num ambiente activo, feliz e acima de tudo edificante.

Interessantes cartazes afixados em diferentes casas comerciais da cidade, anúncios pela rádio, e aquele comunicativo entusiasmo que as crianças, ao regressarem aos seus lares, transmitiam aos colegas e vizinhos, constituíram os principais e bem sucedidos agentes de publicidade desta Escola Cristã de Férias.

Quanto ao simpático e bem escolhido corpo docente, na maioria formado por elementos do sexo feminino, apesar do aumento de crianças que se registava quase todos os dias, soube sempre manter-se à altura numa efusiva cordealidade, repleto de compreensão, e vontade e porque não dizer competência? Foi com estas nobres e raras qualidades que os professores e dirigentes desta Escola Cristã de Férias procuraram servir os pequenos, conduzindo-os por meio de lições objectivas, atraentes histórias, trabalhos manuais, arrebatadores cânticos, estudos sobre a Natureza



Escola Cristã de Férias de Nova Lisboa — Sessão de Trabalhos

e jogos ao ar livre, para mais perto do Salvador!

As actividades terminaram com uma exposição pública dos trabalhos manuais e desenhos executados pelas crianças, na sala de desenho do Colégio Adventista, e com uma bela festa de encerramento no ginásio desta Instituição de Ensino, na qual colaboraram os professores e alunos apoiados por uma numerosa assistência. No decorrer da festa procedeu-se à significativa cerimónia da distribuição de diplomas em que cento e quatro crianças foram diplomadas. Este programa de encerramento realizou-se no domingo à tarde, dia 4 de Setembro.

Para cúmulo da nossa bem justificada satisfação, tivemos o grato prazer de ler nas páginas de dois bem conhecidos jornais — *O Planalto* — e *o Comércio* — lisonjeira menção do acontecimento de que trata este artigo, tecendo largos elogios a esta iniciativa da Igreja Adventista e focando algumas das actividades desta Escola de Férias tendentes a fortalecer o sentimento patriótico e o respeito e amor pelo próximo.

Estão portanto de parabéns todos aqueles que deram

o melhor esforço, tempo e trabalho para que a primeira Escola Cristã de Férias de Nova Lisboa alcançasse um retumbante êxito. Com a ajuda de Deus e a boa vontade de todos foram possíveis estes resultados e outros que, confiamos, um dia a eternidade revelará. A todos, os nossos sinceros agradecimentos.

Artur de Oliveira

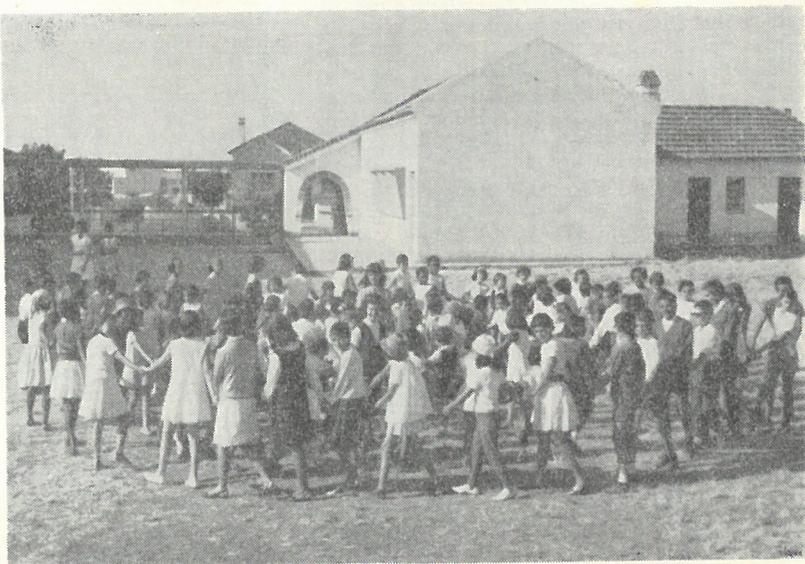
## Baía dos Elefantes

Se desejam sentir um calor de amizade e fraternização cristã, venham

conosco visitar um pequeno grupo de pessoas na Baía dos Elefantes.

Lá encontramos o Sr. António Sabino e sua Esposa, D. Isabel, assim como a Maria dos Anjos que vive em casa deles. Estes amigos são os pais do Irmão Francisco Sabino. Às vezes o Sr. Francisco está também na Baía ajudando o seu pai, acompanhado de sua Esposa e filhos.

Quando chega a hora de pôr do sol na sexta-feira, todos estão prontos para saudar o santo dia de Deus. A traineira está ancorada, os empregados estão em suas casas, o mar calmo e a lua a nascer atrás dos coquei-



Escola Cristã de Férias de Nova Lisboa — Período de recreio



Escola Sabatina Anexa da Baía dos Elefantes

ros, brilhando nos morros, dá-nos a sensação de paz.

Na manhã de Sábado, as famílias se reúnem para a Escola Sabatina, vêm também visitas para assistir, das outras partes da Baía. É um tempo abençoado para todos e podemos ver como o Espírito Santo está a trabalhar nos corações de alguns, chamando-os para Jesus.

Depois da Escola Sabatina e um breve culto feito pelo Pastor Jewell ou Ir. Francisco Sabino, o resto do dia é gasto em descanso, leitura e um passeio pela praia, à tarde. Ao pôr do sol no fim do Sábado, há uma oração de gratidão pelas mercês recebidas e logo depois começa a actividade duma nova semana. Ao nascer a lua, podemos ouvir os motores das traineiras, cuja silhueta no mar fica mais e mais pequena até desaparecer na distância e ficamos com o mar, as palmeiras e a praia diante de nós.

Quando chega o dia da partida é com tristeza que deixamos aqueles amigos, para voltar ao escritório de Nova Lisboa. Mas as notícias que recebemos são boas, pois já sabemos que D. Isabel Sabino e a Maria dos Anjos foram baptizadas em Benguela.

Orem pelo pequeno grupo na Baía dos Elefantes.

Irma Jewell

## Curso de Aperfeiçoamento para Professores

Dos dias 22 a 30 de Agosto reuniram-se na Missão do Bongo os 45 professores das 42 escolas dos campos missionários de Nova Lisboa e Bongo para um curso de aperfeiçoamento.

Setembro de 1966

Tomaram parte neste curso como monitores, além do signatário, os Pastores Samuel Sequeira, Isaque Tadeu e Pedro Balança, e os professores José Estêvão, Samuel Chipirica e David Siria.

Estudou-se o programa de Bíblia, aritmética, português, ciências geográficas — naturais, jogos, e canto coral e ainda escrita escolar.

Seguindo as indicações dos livros de didáctica os programas foram devidamente explicados e confeccionados os materiais

para o ensino de cada disciplina.

Os que vão exercer o lugar de professores fizeram durante o curso umas vezes o papel de professor, outras de alunos. Assim as lições foram exemplificadas pela maioria dos assistentes.

O ensino da Bíblia mereceu especial cuidado, pois que cada professor é, ao mesmo tempo, um evangelista.

Tivemos durante o Curso uma exortação pelo nosso presidente Pastor Ernesto Ferreira, que convidou cada mestre a com interesse elevar as normas do seu trabalho e não se deixar contaminar com o exemplo de outros elementos que, aparentemente fazendo o mesmo trabalho, possuem uma mensagem incompleta.

Esperamos que os dias passados em conjunto, estudando os problemas da obra de educação nestes dois campos, possam ter reflexos no ano escolar que agora se inicia.

E. White, no seu livro *Educação* diz que não há «obra mais elevada do que aquela que é feita por um professor cristão». Que o Senhor possa abençoar os nossos professores durante este ano escolar e que ao fim possamos contar vitórias tanto nas provas, nesta terra, como na preparação dos alunos para o reino dos céus.

J. A. Morgado

## Missão do Bongo Reuniões de Reavivamento Espiritual

Nos dias 16, 17 e 18 de Setembro, realizaram-se na Missão do Bongo, em recinto cuidadosamente preparado, as Reuniões de Reavivamento Espiritual. Os dias dedicados para estas reuniões foram dias ricamente abençoados.

Tivemos a presença amiga dos pastores Ferreira, Jewell e Morgado para colaborarem nestas importantes reuniões. Além destes pastores mencionados, também colaboraram o Dr. Roy B. Parsons assim como seu filho Dr. David Parsons. Todos estes colaboradores foram ouvidos com muito agrado por parte da assistência que estava aqui reunida.

No sábado 17, tivemos o culto solene dirigido pelo Pastor Ernesto Ferreira, presidente da nossa União. Ao apelo feito pelo mesmo para dedicação das vidas ao Senhor, responderam 62 almas.

Também podemos constatar a gratidão dos nossos irmãos para com o Senhor pela oferta que foi levantada. Foi uma oferta excelente, se considerarmos o número de assistentes.

Para dar mais vida a estas reuniões tivemos também a colaboração do coro do Instituto, dirigido pelo mestre Adão Mota. Ouvimos com muito agrado, todos os números por este apresentados.

Encerraram-se estas reuniões com a habitual cerimónia baptismal. Nesta cerimónia tomaram parte todos os pastores presentes a estas reuniões. Foi com alegria que vimos descerem às águas baptismas 52 almas.

Seguiu-se a recepção aos novos membros da nossa igreja pelo pastor Ferreira. Depois subiu à tribuna para dirigir à assistência palavras de despedida e para encerrar estas reuniões, o novo director do Instituto, irmão António Maurício.

Resta-nos agradecer a Deus pelo bom espírito, decência e ordem que reinaram nestas reuniões. Temos a impressão de que se conseguiu atingir o objectivo destas reuniões — um maior reavivamento espiritual dos nossos irmãos da Missão do Bongo.

Rogamos ao Senhor que se digneabençoar os nossos irmãos da Missão do Bongo e também as visitas que estiveram connosco, para que o reavivamento espiritual aqui alcançado perdure sempre em seus corações.

João Cordas Tavares

## O Problema Escolar na Divisão Trans-Africana

*Continuação da pág. 8*

devem preparar-se localmente professores africanos.

O Colégio de Solussi necessita de desempenhar plenamente a sua parte no programa completo de educação na Divisão Trans-Africana. Como a Divisão não pode financiar esse projecto apenas com os seus próprios recursos, convidamos-vos a dar a vossa colaboração contribuindo liberalmente para a oferta do próximo 13.º Sábado que a esse fim se destina.

*Departamento da Escola Sabatina da Divisão Trans-Africana*

## Princípios Bíblicos Acerca das Relações Raciais

*Continuação da pág. 3*

a norma de carácter entre a raça preta,—ensinar como devem viver os cristãos, exemplificando o Espírito de Cristo, mostrando que todos somos irmãos.

A igreja foi ordenada por Deus para que os seus membros sejam representantes do carácter de Cristo. Ele diz: «Vós vos destes a Mim, e Eu vos dou ao mundo. Eu sou a luz do mundo; apresento-vos ao mundo como Meus representantes». Como Cristo no mais completo sentido representa o Pai, também nós devemos representar a Cristo. Que nenhum dos que nomeiam o nome de Cristo seja cobarde na Sua causa. Por amor de Cristo levantai-vos como olhando para dentro das portas abertas da cidade de Deus.

---

## O NOME DE JESUS

por Herculano de Gouveia

É grande, santo, sublime,  
O Teu nome, ó meu Jesus!  
Amor e ternura exprime;  
Resume um poema de luz!

Grande nome na promessa,  
Excelso em gloriosa vinda;  
Razão da Palavra impressa;  
Tudo em Ti começa e finda.

Nome santo, sem igual,  
Vencedor lá no Calvário.  
Torna imortal o mortal,  
Esse nome extraordinário.

Surgindo da sepultura,  
Esse nome vitorioso  
Salva a toda a creatura,  
E torna o mundo ditoso.

Sem Teu nome, triste, incerto,  
Seria este mundo vão;  
O céu seria um deserto,  
Sem teu nome ó meu irmão.